

## AS CONTRIBUIÇÕES DE HEIDEGGER E MERLEAU-PONTY PARA A COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO E DO LUGAR

Felipe Kevin Ramos da Silva  
Mestrando em Geografia —UFPA

**Resumo:** Pensar uma ontologia espacial, de fato, é um desafio. No entanto, cada vez mais a modernidade em sua “liquidez” nos chama a este desafio, compreendendo os espaços e sua dinâmica para além das formulações globalizantes/totalizantes. Heidegger e Merleau-Ponty, embora, muitas vezes suas elaborações fenomenológicas estejam em campo de análises diferentes, suas perspectivas ontológicas chamam atenção ao entendimento no qual um mesmo espaço pode ser vivido de diferentes formas. A esta particularidade espacial chamaremos de Lugar. O lugar concebido como espaço vivido na cotidianidade, fundamentando, assim, as percepções de *mundo*, um mundo-próprio. O lugar concebido a partir da *espacialidade*, daquilo que estar em torno ganhando significado. Portanto, a relevância deste ensaio permeia na compreensão do espaço e do lugar como palco das realizações humanas, daquilo que (re)liga o Homem ao Mundo, considerando a abordagem fenomenológica como filosofia para pensar as geografias-no-mundo.

**Palavras-Chave:** Corpo. Espacialização. Existência. Geograficidade.

**Abstract:** Thinking about a spatial ontology, in fact, is a challenge. However, more and more modernity in its “liquidity” calls us to this challenge, understanding spaces and their dynamics beyond globalizing / totalizing formulations. Heidegger and Merleau-Ponty, although their phenomenological elaborations are often in the field of different analyzes, their ontological perspectives call attention to the understanding in which the same space can be lived in different ways. We call this spatial particularity Place. The place conceived as a space lived in daily life, thus grounding the perceptions of the world, a world of

its own. The place conceived from the spatiality, from what is around gaining meaning. Therefore, the relevance of this essay permeates the understanding of space and place as the stage of human achievements, of what (re) binds Man to the World, considering the phenomenological approach as a philosophy to think geographies-in-the-world.

**Keywords:** Body. Spatial. Existence. Geographicity.

### Introdução

A pesquisa<sup>1</sup> busca pensar o Espaço e o Lugar em uma perspectiva fenomenológica, sobretudo, a partir do pensamento de Heidegger e Merleau-Ponty. A abordagem fenomenológica nos permite transcender algumas elaborações positivistas sobre a *espacialidade* humana. Por isso, aproxima-se de uma possível ontologia geográfica, concebendo o espaço e lugar como manifestações da vida humana. O primeiro como liberdade, *abertura* à infinitas possibilidades de ser; o segundo como tempo lugarizado, a partir da unidade indissolúvel entre *mundo* e *existência*, a qual Heidegger reconheceu como *Dasein*. A *existência* se realiza no espaço, e este por sua vez, campo fértil daquilo a quem se doa a ser-mais-próprio, isto é, em seu caráter de *disponibilidade* e *utilidade*, estabelecendo uma relação visceral entre este ser e o mundo circundante (DARDEL, 2015).

Devemos considerar o *Dasein* para além de suas formulações conceituais. O *Dasein*, portanto, como procedimento metodológico em geografia. De tal modo, que o *Dasein* é um caminho à compreensão na qual a abertura fenomenal do ser se estabelece não somente temporalmente, mas espacialmente. Nesse sentindo, não devemos tratar o *Dasein* como sinônimo de Homem, mas, neste caso, “para designar indiferentemente homem e mundo” (PÁDUA, 2014, p. 196), ou seja, o homem como inquebrável unidade com o mundo: o *ser-no-mundo*. O

<sup>1</sup> O artigo é uma ramificação de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado *Geografia e Fenomenologia: por uma ontologia do espaço e do lugar*, orientado pelo Prof. Dr. Wladirson Cardoso, defendido no dia 24 de novembro de 2015, na Universidade do Estado do Pará (UEPA). TCC ganhador em 1º lugar do “Prêmio Melhor TCC” da Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Sociais e Educação, no ano de 2016.

## AS CONTRIBUIÇÕES DE HEIDEGGER E MERLEAU-PONTY PARA A COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO E DO LUGAR

homem se reconhece como homem em suas realizações. Sendo o espaço geográfico palco dessas realizações, *ele* só se reconhece espacialmente, isto é, na motricidade do corpo próprio encarnado no tempo lugarizado: a corporeidade. É necessário compreender, nesse sentido, que “[...] o espaço, mais do que manifestação da diversidade e da complexidade sociais, é, ele mesmo, uma dimensão fundadora do ‘ser-no-mundo’, mundo esse, tanto material quanto simbólico, que se expressa em formas, conteúdos e movimentos” (CASTRO et al., 2012, p. 7).

Essa *existência*, só é possível no mundo. O mundo como instância que pressupõe qualquer adjetivação e objetividade conceitual, na tentativa pura de explicá-lo ou introduzi-lo a sistemas de abreviações. Heidegger (1988) e Merleau-Ponty (1994) nos ensinam, embora de maneiras diferentes, que há diversos sistemas de redes de significatividades, no qual cada coisa no mundo só ganha *sentido* em uma dada *conjuntura*. Em termos de síntese, pode-se dizer que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu [...] a cultura como sendo essas teias e a sua análise” (GEERTZ, 2008, p. 10). De uma linguagem corpórea que expressa-se enquanto concordância temporo-corpóreo-espacial, uma abertura a própria possibilidade de ser com o múltiplo e o Uno indivisível.

A pesquisa se utilizará detidamente do pensamento de Heidegger e, também, de Merleau-Ponty – quanto à compreensão das noções de Espaço e Lugar. A partir daí, estabeleceremos um diálogo com inflexões de geógrafos que possuem em suas bases de

estudos a fenomenologia. Torna-se importante “resgatar” na Geografia sua relevância mesma enquanto ciência do *mundo vivido*, trazendo a “possibilidade de levar o conhecimento geográfico e o significado da própria geografia ao limite de suas potencialidades ao buscar as sendas da fenomenologia” (DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2016, p. 176), onde as singularidades espaciais ganham expressões vivas a partir das facticidades (*Faktizität*).

No primeiro movimento, busca-se estabelecer relações preliminares entre a Geografia e fenomenologia, com o objetivo de esclarecer a tese da Geografia como ciência das essências, sobretudo, quando tratamos, não explicitamente, da relação tempo-espaço-lugar, isto é, da “experiência geográfica”. O segundo movimento abre o campo da reflexão entre o conceito de *espacialidade* e suas contribuições no pensamento do geógrafo francês Eric Dardel em seu conceito-chave: geograficidade<sup>2</sup> (*géographicité*). E por fim, antes da síntese final, a importância da motricidade do corpo como elemento essencial à compreensão ontológica do lugar, ganha espaço nesta pesquisa. Nesse sentido, pode-se dizer que a tese central deste ensaio está em estabelecer alguns pontos de convergência entre a proposta fenomenológica de Heidegger e Merleau-Ponty e a geografia. A primeira preocupada com o *fenômeno*, e a segunda com o *espaço*. Portanto, a geografia fenomenológica preocupando-se com os *fenômenos espaciais*.

---

<sup>2</sup> A geograficidade seria, nas palavras de Eric Dardel, o “Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta que liga o homem à Terra [...] questionando a geografia na perspectiva do próprio geógrafo ou, mais simplesmente, do homem interessado no mundo circundante” (DARDEL, 2015, p. 1-2).

## 1. A Geografia enquanto ciência das essências

A partir do pensamento do geógrafo Edward Relph, entende-se que a fenomenologia enquanto método não preocupa-se em explicar os fenômenos, mas em descrevê-los. Em última análise, interpretar os fenômenos a partir das experiências do homem, experiências essencialmente geográficas. Cabe ressaltar que a fenomenologia surge em um contexto onde a filosofia positivista era predominante (ainda não é?), no qual muitos dos escritos científicos estavam preponderantemente caracterizados pela objetividade, uma busca extrema pela neutralidade científica que muitas vezes, não atendiam as “novas” exigências do Homem, suas alegrias, angústias. É necessário que o geógrafo conduza seu tempo de estudo a refletir na “descrição” do mundo, ao invés de superficialmente analisá-lo como espaço geométrico, que segundo Heidegger (1954), não possui vida, e a própria *Temporalidade* não se realiza.

Nas pesquisas geográficas de cunho humanista, a descrição fenomenológica é fundamental para a compreensão da dinâmica espacial, ao modo que “o real deve ser descrito, não construído ou constituído” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 5). Esta “geografia mais humana” vem se destacando desde meados dos anos 1950 com a obra *O Homem e a Terra* do geógrafo francês Eric Dardel, sob forte influência Heideggeriana. Embora, a obra *O Homem e a Terra* de Dardel

tenha se “perdido” nos círculos acadêmicos de sua época, a importância de seu pensamento renasce nos estudos geográficos a partir do coletivo humanista norte-americano (HOLZER, 2014).

A geografia deve transcender uma série de postulados científicos que banalizam o caráter da investigação existencial. É necessário que o geógrafo valorize a *espacialização do ser-no-mundo*, que surge por meio da motricidade do corpo, este corpo por sua vez, agora comunicando-se com o mundo através de sua espacialização. Espacializar no mundo é existir, tanto em forma quanto em conteúdo, na verdade, creio, mais em forma que em conteúdo. O corpo encarnado no mundo dá significado ao mundo por meio do encontro, do contato com o outro, por via da percepção<sup>3</sup> e das experiências cotidianas, ao modo que “a percepção não é um objeto tardio para a experiência. Ela é a forma originária e primeira do conhecimento” (CARMO, 2004, p. 41).

Para além de um método científico, a fenomenologia busca no mundo cotidiano uma interpretação original, uma filosofia que nos propõem a perceber as essências das coisas em sua mais simples natureza, um resgate “primitivo”<sup>4</sup>, e neste caso, dos fenômenos que se manifestam no espaço, portanto, geograficamente. Essa postura de encarar o mundo fenomenologicamente é ao mesmo tempo se perceber enquanto ser modificador da realidade geográfica, ser-em-situação. É nesta

<sup>3</sup> Compreende-se como percepção também a ideia colocada pelo geógrafo Armando Corrêa da Silva: “A percepção passa a ser uma complexidade de impulsos determinados e indeterminados, que geram um comportamento pensante contínuo que tudo quer entender, mesmo os automatismos. Essa liberdade assim posta é limitada pela inércia dinâmica que obriga a consciência a ultrapassar todo o tempo o pensamento que se congela no fluxo vivido e que tem que se renovar para acompanhar o sentido do espaço e da duração” (SILVA, 2000, p. 13).

<sup>4</sup> “O espaço do comportamento instintivo e da ação inconsciente em que nós sempre agimos e nos movemos, antes de qualquer reflexão. É um espaço orgânico enraizado em coisas concretas e substanciais e que não envolve imagens ou conceitos de espaço ou de relações espaciais” (RELPH 1967 apud HOLZER, 2014, p.292).

## AS CONTRIBUIÇÕES DE HEIDEGGER E MERLEAU-PONTY PARA A COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO E DO LUGAR

relação do homem enquanto ser-no-mundo transformador de si e de seu espaço, que o lugar se constitui essencialmente a partir das relações de *interioridade*. O homem, enquanto ser-com, compreende-se, agora, como parte de um Todo.

Merleau-Ponty (1994) analisa a questão do corpo e sua motricidade como princípio fundamental do espaço, algo que Heidegger (1988) define como ser-no-mundo para entender essencialmente o próprio ser mundano e sua espacialidade. Desse modo, acredita-se que “todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é segunda expressão” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 3). Essa é a postura científica dos geógrafos humanistas sob a vertente fenomenológica. Em consonância com esta “postura”, Heidegger (1988) nos esclarece que,

A fenomenologia é a via de acesso e o modo de verificação para se determinar o que deve constituir tema da ontologia. A *ontologia só é possível como fenomenologia*. O conceito fenomenológico de fenômeno propõe, como o que se mostra, o ser dos entes, o seu sentido, suas modificações e derivados. Pois, o mostrar-se não é um mostrar-se qualquer e, muito menos, uma manifestação. O ser dos entes nunca pode ser uma coisa “atrás” da qual esteja outra coisa “que não se manifeste” (HEIDEGGER, 1988, p. 66).

Em sintonia com o pensamento de Heidegger, “a fenomenologia é o modo de acesso e o modo de determinação legitimador do que deve tornar-se o tema da ontologia” (FRANCK, 1997, p. 31). A fenomenologia nos faz compreender os fenômenos *como eles são*,

como são as coisas *em si mesmas*, em um esforço de encontrar o que realmente se desvela a partir do “mundo vivido” (MERLEAU-PONTY, 1994). Entretanto, é salutar ressaltar que “o uso do termo ontologia não visa a designar uma determinada disciplina filosófica dentre outras [...] é a partir da necessidade real de determinadas questões e do modo de tratar as ‘coisas em si mesmas’” (HEIDEGGER, 1988, p. 56).

O *fenômeno* não é algo percebido ao primeiro olhar “curioso”, pois se trata da essência, e por isso “a fenomenologia supõe, enquanto prescrição metódica, que os fenômenos começam por não se mostrar, diz então respeito ao que permanece mais escondido e mais na sombra” (FRANCK, 1997, p. 31). Nas palavras de Heidegger, a “fenomenologia é necessária justamente porque, de início e na maioria das vezes, os fenômenos *não* se dão. O conceito oposto de ‘fenômeno’ é o conceito de encobrimento” (HEIDEGGER, 1988, p. 66). Aquilo que se exige tornar-se fenômeno é o tema da fenomenologia. Espaço e lugar clamam por essa compreensão ao modo que suas exigências surgem por todo um constructo de fenômenos humanos cristalizados na cotidianidade. Por isso, a verdadeira natureza dessas duas categorias geográficas (espaço e lugar) só podem vir a se desvelar no mesmo ritmo de seu desvelamento, no contato com as coisas a partir de suas próprias análises, afinal,

A palavra ‘fenomenologia’ exprime uma máxima que se pode formular na expressão: “às coisas em si mesmas!” – por oposição às construções soltas no ar, às descobertas acidentais, à admissão de conceitos só aparentemente verificados, por oposição às pseudo questões que se apresentam, muitas vezes, como “problemas”, ao longo de muitas gerações. Contudo, poder-se-ia objetar que se trata de uma máxima evidente

por si mesma e que, ademais, exprime o princípio de todo conhecimento científico [...] (HEIDEGGER, 1988, p. 57).

A fenomenologia é o estudo daquilo que “se mostra”, que vem à luz, entretanto, para que “este” venha a “mim” é necessário que essencialmente haja uma pré-disposição, uma “pre-sença”, do eu em querer compreender os fenômenos em sua mais “ingênua” manifestação, no qual a consciência<sup>5</sup> perceptível de si mesmo enquanto ser-no-mundo torna-se fundamental neste processo – é algo que se destacou na fenomenologia-ontológica-estrutural do geógrafo Armando Corrêa da Silva, afirmando que “[...] Por absurdo que pareça, há que lutar contra a inércia do pensamento concreto, pois nada é mais abstrato que o concreto, como sensação ou representação, apesar de serem o ponto de partida da materialidade, materialidade que sufoca o sujeito como necessidades impostas pela práxis da ciência e da tecnologia atuais” (SILVA, 2000, p. 14).

A geografia positivista está muito mais preocupada em constituir um imperativo explicativo categórico para os fenômenos sociais ao invés de interpretá-los a partir de sua essência, de modo que a pesquisa geográfica deva considerar as “geografias vernaculares” (CLAVALL, 2011); a pesquisa geográfica deve considerar a dimensão ontológica, como procedimento de “descrever, não de explicar nem de analisar” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 3) os fenômenos que se doam a nossa percepção experienciada no espaço geográfico.

## 2. A espacialidade do ser-no-mundo

O geógrafo francês Eric Dardel (1899-1967) possui fortes influências da fenomenologia Heideggeriana. O conceito de *espacialidade* de Heidegger (1988) nos traz o entendimento no qual o espaço seria a *abertura* fenomenal do ser, ou seja, como o ser se *manifesta* enquanto tal no mundo. Considerando as críticas que Heidegger (1954) realiza sobre o “espaço geométrico”, Dardel (2015) chama atenção para duas categorias: a) o espaço objetivo; b) espaço geográfico. O primeiro desprovido de sabor, cor e vida. O segundo, onde a vida humana se realiza, a poética do habitar ganha sentindo e significatividade.

Se a fenomenologia é o estudo das essências, como afirma Merleau-Ponty (1994), então a geografia sob esse aparato toma como ponto de partida as experiências cotidianas no espaço geográfico como manifestação do ser e sua *géographicité*. A geografia nesse sentindo, estaria se anunciando como uma ciência eidética, logo, o que nos interessa, em termos geográficos, essencialmente, não é a “espacialidade” em si, mas a *geograficidade* proposta por Eric Dardel, no qual trabalharemos como dimensão ontológica do espaço geográfico. A geograficidade, portanto, é a região essencial da geografia.

Em sua geograficidade, Dardel (2015) diz respeito àquilo que une o homem à Terra, como base e meio de suas realizações, incluindo a afetividade pela terra natal, relacionando, dessa maneira, o Lugar com *habitar* Heideggeriano.

---

<sup>5</sup> Em outras palavras a consciência de si mesmo enquanto ser-no-mundo é entendida a partir da imposição do Ser enquanto objeto, no qual, a partir da noção dessa contradição espaço-existencial que o Ser apreende sua forma que excede a fetichização do mundo. “[...] na contradição, o pensamento puro defronta-se com a sua própria forma, pois a forma é a objetividade do existir. Assim, o objeto pensado é o objeto dado, no próprio ato da reflexão, se se quer ultrapassar a consciência epifenomênica, naquilo que a abstração transcende (SILVA, 2000, p. 13).



## AS CONTRIBUIÇÕES DE HEIDEGGER E MERLEAU-PONTY PARA A COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO E DO LUGAR

O geógrafo Yi-fi Tuan também estimula esta reflexão, entre espaço e o sentimento afetivo, ao dizer que “a sensação de tempo afeta a sensação de lugar” (TUAN, 2013, p. 227), denomino de “topofilia” (TUAN, 2012). Parece que encontramos alguns pontos de convergências entre a Geografia (humanista) e a fenomenologia, no que se refere, neste caso, a relação entre Lugar, Tempo e o habitar (no sentindo que Heidegger chama de “espacialidade da pre-sença do ser-no-mundo”).

Embora não seja sua pretensão, Heidegger (2013) nos possibilita pensar o espaço geográfico a partir do sentindo que administramos nossa existência: a) a vontade inerente dos sujeitos de se *lançarem* no mundo em sua mundaneidade, a isso Heidegger (2013) definiu sendo o “fático-espacial” e Tuan (2013) de “habilidade espacial” b) a geografia para além das amarras acadêmicas – “geografia científica” – agora, entendida como força intrépida que lança o homem à sua condição existencial, a isso Dardel (2015) chamou de “geografia em ato”; c) No que diz respeito a Tuan (2013), nos esclarece que as experiências não podem ser medidas, e que aprendemos muitas coisas no *distanciamento*, sendo o desejo de suprimir distâncias, “mas não por meio da instrução formal”. Esta instrução não-formal se realiza na cotidianidade, por meio da percepção, isso porque:

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não

“habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro, não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito consagrado ao mundo (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 6).

Ou seja,

A percepção é sempre percepção da coisa total, compreendida num campo mais amplo, o qual, por sua vez, é abrangido em um horizonte de significados mais distantes. O conjunto desse complicado sistema de sempre mutáveis significados ‘próximo’ e ‘longínquos’ ligados aos sempre mutáveis momentos de atualidade e potencialidade da percepção, eis o que se chama ‘mundo’ na fenomenologia (LUIJPEN, 1973 apud HOLZER, 2010, p. 67).

Existe uma verdade. *Ela* está onde o homem habita, o que diz respeito as suas necessidades existenciais. Os sujeitos direcionam suas ações a partir de uma “referência”, por isso o espaço é um conjunto de intencionalidades, e é certo também que o homem desvela seu mundo por uma vontade intensa do “desconhecido” (DARDEL, 2015). Entretanto, não podemos tratar essas características essências da facticidade espacial humana como fatores determinantes. É claro que eu preciso de uma construção/ocupação para ir-além, assim como devo dispor de coragem para *ser-aí*. É a partir da polarização entre a referência (passado/memória), a percepção (presente/o agora) e a vivência (futuro/desconhecido)<sup>6</sup> enquanto conjunto complexo (MORIN, 2015), o “estar em jogo” como diria Heidegger (1988), que podemos compreender o mundo em seu sentindo ontologia do ser geográfico, afinal:

<sup>6</sup> A questão de temporalidade será melhor trabalhada no decorrer da dissertação. Mas já antecipo que o tempo em Heidegger não uma temporalidade linear/tradicional.

## AS CONTRIBUIÇÕES DE HEIDEGGER E MERLEAU-PONTY PARA A COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO E DO LUGAR

O ‘circun-dante’ não se determina de maneira alguma primordial-ontologicamente a partir de um estar-colocado-um-ao-lado-do-outro ou estar-colocado-junto-ao-outro, nem por relações geométricas, mas no circundante de lida mundana com as coisas de que nos ocupamos. Isso possibilita interpretar ontologicamente o significado do ser-em e ser-dentro-de-um-mundo. Ser-no-mundo não quer dizer: aparecer entre outras coisas; significa, porém: *ocupar-se no circun-dante do mundo que vem ao encontro, demorar-se nele*. O modo próprio de ser mesmo num mundo é o cuidado, seja dispondo, produzindo ao dando atenção aos negócios, seja tomando posse de algo, impedindo ou preservando de preconceitos e perdas etc. O circundante é a medianidade, o público da vida. A vida se deixa atingir ou fala consigo mesma mundanamente no e pelo cuidado (HEIDEGGER, 2012, p. 107 [grifo nosso]).

Estamos falando, então, do *Dasein* e sua manifestação espacial, ou seja, aquilo que une o homem à Terra (mundo). A geograficidade como essência da Geografia remete a oportunidade de uma relação indissociável: ser-no-mundo. As *relações*, são entendidas aqui como conjunto de *partes* que formam um *Todo*, sendo essas *partes* diferentes entre si, no entanto, de natureza intrinsecamente envolvidas, potencializando a dinâmica da existência humana. O espaço é entendido como totalidade, enquanto o lugar como parte desse todo, que por sua só se *anima* em função de suas partes para além de simples sistema somática. O espaço como sinônimo de liberdade é abstrato, enquanto o lugar é concreto ao modo que o lugar se torna o mundo possível de ser, ou seja, espaço experienciável, vivido. Portanto, a existência é espacial ao modo que a essência é lugar enquanto tempo lugarizado. O espaço como abertura fenomenal precede o lugar como “pausa no movimento” (TUAN, 2013).

Da experimentação única de cada indivíduo enquanto ser-no-mundo e sua mundaneidade autêntica, reforçada pelo cotidiano e no contato com outros entes que estão no mundo, a espacialidade Heideggeriana começa a ganhar (mais) “sentindo” geográfico na medida em que consideramos a importância do corpo, como nos ensina Merleau-Ponty (1994). O espaço só existe na medida em que existe um corpo para habitá-lo, no qual o mundo se torna possível, factível. Daí a potência geográfica dos sujeitos que habitam o *mundo* e o fazem uma habitação divergente a qualquer força matematizante da realidade.

Heidegger (1988, p.152) atribui a espacialidade ao ser-aí, no qual “temos evidentemente de conceber este ‘ser-no-espaço’ a partir de seu modo de ser”. Essencialmente, a espacialidade do ser enquanto pre-sença requer um *pensar* nas singularidades de um ‘mundo’ que se cria a cada momento em sua geograficidade própria, ou seja, o ser-aí é estar no mundo, e a partir de determinado momento espacial encontrar-se a si mesmo, no sentido que “cada mundo sempre descobre a espacialidade do espaço que lhe pertence” (HEIDEGGER, 1988), do que é possível de se realizar no movimento espacial: o lugar.

As características essenciais do ser-aí é o *distanciamento* e o *direcionamento*. Entende-se para além da materialidade a conceituação de distanciamento, isto é, “o distanciamento não é por nós entendido como distância (proximidade) ou mesmo intervalo. Usamos a expressão distanciamento num significado ativo e transitivo. Indica uma constituição ontológica da pre-sença em função da qual o distanciar [...] é apenas um modo determinado e factual” (HEIDEGGER, 1988, p. 153), e segue:

## AS CONTRIBUIÇÕES DE HEIDEGGER E MERLEAU-PONTY PARA A COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO E DO LUGAR

Distanciar diz fazer desaparecer o distante, isto é, a distância de alguma coisa, diz proximidade. Em sua essência, a pre-sença é essa possibilidade dis-tânciar. Como o ente que é, sempre faz com que os entes venham à proximidade. O dis-tanciamento descobre a distância. Assim como o intervalo, a distância é uma determinação categorial dos entes destituídos do modo de ser da presença. Distanciamento, ao contrário, deve ser mantido como existencial. Somente na medida em que se descobre para a pre-sença a distância dos entes é que no próprio ente intramundano tornam-se acessíveis “distanciamentos” e intervalos com referência a outros entes. Da mesma forma que quaisquer duas coisas, dois pontos não estão distantes um do outro porque nenhum deles é capaz de distanciar em seu modo próprio de ser. Apenas possuem um intervalo que pode ser constatado na dis-tância e por ela medido (HEIDEGGER, 1988, p. 153).

Esse mesmo fenômeno de distanciamento-proximidade é o que irá caracterizar o espaço ontologicamente constituído. O espaço geográfico surge, neste contexto, a partir do cotidiano do próprio ser-no-mundo, que ao auto-identificar-se como *tal* “julga” as distâncias para além de seu valor quantitativo, concebendo o “distanciar-se” de forma qualitativa, em um mergulho profundo no ritmo da saudade da Terra natal, pelos seus afetos, por sua singularidade. Nas palavras de Dardel (2015):

Que o espaço geográfico aparece essencialmente qualificado por uma situação concreta que afeta o homem, isso é o que prova a espacialização cotidiana que o especializa como afastamento e direção. A distância geográfica não provém de uma medida objetiva, auxiliada por unidades de comprimento previamente determinadas. [...] A distância é experimentada não como uma quantidade, mas como uma qualidade expressa em termos de *perto* ou *longe* (DARDEL, 2015, p. 10. Grifo original).

É justamente por esse distanciamento-encontro, que “[...] o espaço estanciado pela ponte contém vários lugares, alguns mais próximos e outros mais distantes da ponte” (HEIDEGGER, 1954, p. 7). Esse distanciamento é a mais legítima forma do homem permitir-se enquanto ser-aí no mundo, no qual tal legitimação confere em “permitir-se” encontrar o caminho de volta a si mesmo, e “dis-tanciar é, de início e, sobretudo, uma aproximação dentro da circunvisão, isto é, trazer para a proximidade no sentido de providenciar, aprontar, ter à mão” (HEIDEGGER, 1988, p. 153), no qual “a liberdade humana afirma-se ao suprir ou reduzir as distâncias” (DARDEL, 2015).

Enquanto ser-no-mundo, o ser-aí se mantém essencialmente em um dis-tanciar, ou seja, na existência espacial. Desse modo, a espacialização do ser-no-mundo pode também ser compreendida como a pre-sença enquanto direcionamento, quando em um ponto de partida desejamos chegar a um determinado local, não pela vontade de distanciamento, mas pela necessidade de suprir a distância. Neste sentido, entende-se que a pre-sença é essencialmente dis-tanciamento, isto é, espacial, ou seja, “a pre-sença existe segundo o modo da descoberta do espaço inerente à circunvisão, no sentido de se relacionar num contínuo distanciamento com os entes que lhe vêm ao encontro do espaço” (HEIDEGGER, 1988, p. 157). O mesmo filósofo afirma:

Dis-tanciamento e direcionamento enquanto características do ser-em determinam a espacialidade da pre-sença de estar no espaço intramundano, descoberto na circunvisão das ocupações. A explicação dada até aqui sobre a espacialidade do manual intramundano e a espacialidade do ser-no-mundo propicia as pressuposições



## AS CONTRIBUIÇÕES DE HEIDEGGER E MERLEAU-PONTY PARA A COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO E DO LUGAR

para se elaborar o fenômeno da espacialidade do mundo e se colocar o problema ontológico do espaço (HEIDEGGER, 1988, p. 159).

A espacialidade é caracterizada pelo distanciamento e o direcionamento do *ser-em*, considerando que o direcionamento próprio dos distanciamento funda-se no ser-no-mundo. Pressuposições estas que merecem ser consideradas pela geografia, numa tentativa de superação do espaço cartesiano, quantificado e mensurável. É necessário distanciar-se de uma geografia que “analisa” o espaço, ao invés de “descrevê-lo”, a exemplo do que Heidegger (1988) diz:

No fenômeno do espaço, não se pode encontrar nem a única nem a determinação ontológica primordial do ser dos entes intramundanos. Tampouco de constituir o fenômeno do mundo. *O espaço só pode ser concebido recorrendo-se ao mundo.* Não se tem acesso ao espaço, de modo exclusivo ou primordial, através da desmundanização do mundo circundante. A espacialidade só pode ser descoberta a partir do mundo e isso de tal maneira que o próprio espaço se mostra também um constitutivo do mundo, de acordo com a espacialidade essencial da presença, no que respeita à sua constituição fundamental de ser-no-mundo (HEIDEGGER, 1988, p. 163. Grifo nosso).

“O espaço só pode ser concebido recorrendo-se ao mundo”. Nesse contexto, a geografia enquanto ciência das essências, deve entender que o espaço antes de ser é em essência concebido pelo “mundo”, sendo a “essência do significado de todas as coisas, ele se remete diretamente ao ser que se dirige às coisas e se interroga sobre seu sentido. “Mundo” para a ciência geográfica também deve ter esse sentido essencial” (HOLZER, 2014, p. 290). Segundo este mesmo geógrafo:

O objeto da geografia *clama pela análise a partir de um aporte fenomenológico que se dirija à “experiência cotidiana do mundo”, ou seja, que a explore como “experiência geográfica”* [...] essa “experiência geográfica” deve estar fundamentada na ontologia fenomenológica, que propõe o retorno ao fato original da experiência humana, providenciando o esclarecimento conceitual desse fato a partir de sua própria constituição” (HOLZER, 2014, p. 300. [Grifos meu]).

É no cotidiano que os indivíduos desvelam “suas geografias”, “suas espacialidades” enquanto sujeitos existentes no mundo em quadratura, haja vista que é “na vida cotidiana, que as pessoas precisam de conhecimentos geográficos diversos. Elas tiram elementos essenciais para dar um sentido a sua existência e para construir as suas identidades também de sua experiência em morar...” (CLAVAL, 2011, p. 81).

O espaço geométrico não diz respeito a espacialidade do ser-no-mundo, *ele* é um conceito abstrato. O que de fato é para o homem pode ser descrito como Lugar, ou espaço experienciado, vivido, que é seu mundo-próprio. Segundo Holzer (2014, p. 291) o “‘lugar’ está ligado a vivências individuais e coletivas a partir do contato do ser com seu entorno; enquanto o ‘espaço’ é uma racionalização abstrata, uma construção mental, que busca uniformizar e homogeneizar o ‘suporte físico’”. Nas palavras de Heidegger (1988) podemos identificar estas questões da seguinte maneira:

Suponha-se que eu entre num quarto conhecido mas escuro que, durante minha ausência, foi rearrumado de tal maneira que tudo que estava à direita esteja agora à esquerda. Para me orientar, de nada serve o

## AS CONTRIBUIÇÕES DE HEIDEGGER E MERLEAU-PONTY PARA A COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO E DO LUGAR

“puro sentimento da diferença” de meus dois lados, enquanto não tiver tocado um determinado objeto, diz Kant, “cuja posição tenho na memória”. O que isto significa senão que eu me oriento necessariamente num mundo e a partir de um mundo já “conhecido”? O conjunto instrumental de um mundo já deve ter sido dado previamente à pre-sença. O fato de eu já estar sempre num mundo não é menos constitutivo da possibilidade de orientação do que o sentimento de direita e esquerda. A evidência dessa constituição estruturante da pre-sença não justifica que se diminua o seu papel ontologicamente constitutivo [...] A interpretação psicológica de que o eu possui algo “na memória”, no fundo, tem em mente a constituição existencial do ser-no-mundo (HEIDEGGER, 1988, p. 158).

Estas questões, metaforicamente expostas nos levam a perceber o espaço como “abstração” (TUAN, 2013). O espaço surge enquanto um “quarto escuro” que embora se conheça, *ele* está escuro e a mercê de equívocos, afinal, os objetos e toda a estrutura física do quarto foi modificada. Entretanto, a memória, como *resguardo*, surge como essência da movimentação do corpo neste espaço, pois neste “quarto” (espaço) habita um indivíduo, que embora todas as modificações no espaço físico, ainda assim, *sou* este espaço, pois, *ele* é o meu lugar, meu mundo. Este seguimento metafórico revela a existência de um mundo já existente, e que cabe a nossa própria pre-sença como existência retornar ao já estabelecido na forma de ser-no-mundo.

Enquanto ser-no-mundo, a pre-sença já descobriu a cada passo um “mundo”. Caracterizou-se esse descobrir, fundado na mundanidade do mundo, como liberação dos entes numa totalidade conjuntural. A ação liberadora de deixar e fazer em conjunto se perfaz no modo da referência, guiada pela circunvisão e fundada numa compreensão prévia da significação. Ora, mostra-se que,

dentro de uma circunvisão, o ser-no-mundo é espacial (HEIDEGGER, 1988, p. 159).

A partir da circunvisão o ser-que-está-no-mundo descobre-se enquanto tal, e a cada passo em sua trajetória existencial, sua referência primeira de mundo nunca se perde, pois está na “memória”, e essa significação prévia de mundo será fundamental na espacialização, ou na geograficidade do ser-no-mundo, constituindo, portanto, o lugar como mundo possível. Neste contexto, a geografia necessita ser um saber ao ponto de nos ensinar a ver o mundo tal como ele é, tal como ele nos permite vê-lo, em sua essência. Segundo Eric Dardel, “o conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino [...] é um apelo que vem do solo, da onda, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença” (DARDEL, 2015, p. 2).

Desse modo, podemos retomar de forma comparativa à metáfora do “quarto escuro” de Heidegger (1988). Podemos afirmar nesse momento, segundo Holzer (1998), que a geografia é a ciência das essências, ao ponto que a fenomenologia formal do espaço é a própria geometria, e a forma “regional” da geografia seria o que Dardel (2015) denomina de geograficidade (*géographicité*), em essência.

Percebe-se que além do entendimento da geograficidade enquanto potencialidade concreta afetiva que surge como “ponte” entre nós mesmos e o mundo, Dardel (2015) afirma que antes mesmo do desenvolvimento da geografia em seus moldes positivistas, a geografia é em ato, ou seja, a geografia do(s) mundo(s) vivido(s) já existiria, sendo a forma

primeira do Homem de se relacionar com a Terra (mundo). É neste ponto específico de definição da *geograficidade* enquanto essência da geografia que nos remetemos à questão da espacialização do *Dasein*, cabendo observar que a geograficidade, ontologicamente, define uma relação: do ser-no-mundo.

### 3. O espaço geográfico como experiência do corpo

Cabe ponderar nesse momento, a importância da experiência do corpo e da percepção, pois é a partir desse conjunto que o mundo ganha sua forma no sentido de subjetividade. A percepção ressurgue nesse contexto depois de muito tempo marginalizada pelas ciências positivistas. É através do corpo, elevando a significação-interpretação do espaço geográfico como vivido sem que haja a separação entre mente-corpo e consciência-mundo. Em outras palavras, “não é possível haver existências do corpo e da vida sem o espaço e os seus componentes, como não é possível existir espaço, lugar, paisagem ou outro atributo que permite a ação humana, sem a experiência do corpo” (CHAVEIRO, 2014, p. 250).

Merleau-Ponty (1994) nos ensina que nosso corpo-no-mundo está em direção do mundo, no sentido de constituição daquilo que é possível numa atmosfera existente. O filósofo nos propõe a espacialidade do corpo próprio e sua motricidade como força transitória entre o “eu” em direção ao “mundo”, sendo mais que um projeto de localização, posição, mas de situação. Estar em situação é perceber as coisas à mão e sua facticidade no contato, estar ancorado num projeto, uma ancoragem no mundo. É do corpo encarnado espacialmente no mundo que emana um certo estilo e um certo sentido de mundo, “que reconhecemos

em uma evidência específica sem precisar defini-lo” (MERLEAU-PONTY, 1994). “Por isso é um avanço dizer que habitamos o mundo, no sentido de que ativamente assumimos residência e o tornamos nosso. Nesse sentido, inevitavelmente há algum grau de escolha e liberdade na existência” (CSORDAS, 2013, p. 294). Em suma, o corpo apresenta o homem como existência.

Segundo Merleau-Ponty (1994), o que podemos conhecer é a realidade, pois a realidade é um dado experienciado, uma verdade própria ou coletiva, uma visão de mundo, a sentimos, “assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (TUAN, 2013, p. 18), “quer dizer, apenas aquelas percepções às quais nós mesmos damos um sentido pela atitude que assumimos ou que correspondem a questões que nós colocamos” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 378). Desse modo, o espaço da experiência corporal é constituído por duas categorias: o sentimento e o pensamento. Agora, nesse momento, Merleau-Ponty (1994, p. 379) nos ensina que “o movimento não é mais visto e é de uma maneira mágica que as pessoas se transportam de um ponto a outro”. O geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, com fortes influências de Merleau-Ponty, afirma, nesse sentido, que:

[...] o sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente, a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento. É uma tendência comum referir-se ao sentimento e pensamento como opostos, um registrando estados subjetivos, o outro reportando-se à realidade objetiva. De fato, estão próximos às duas extremidades de um

## AS CONTRIBUIÇÕES DE HEIDEGGER E MERLEAU-PONTY PARA A COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO E DO LUGAR

*continuum* experiencial, e ambos são maneiras de conhecer (TUAN, 2011, p. 19).

Nossas experiências, são experiências essencialmente geográficas, na medida em que “a ação constante das corporeidade no lugar correspondem às diversas experiências de existir” (CHAVEIRO, 2014, p. 251). O lugar, como espaço corporal, representa uma linguagem mútua entre o campo do *sentir* e do *pensar*, ao mesmo tempo em que nos situamos no espaço a partir do corpo, pois o corpo é o marco georeferencial fundamental em situação-no-mundo. O corpo se comunica com o mundo – e como ele faz isso?: na espacialização. Ainda assim, existe algo que merece vir à superfície de sua importância, a estrutura do “ver”<sup>7</sup>, onde só então, a atitude corpórea pode vir a se constituir como essência de toda ação espacial.

Entendemos que, segundo Tuan (2013, p. 19) “ver e pensar são processos intimamente relacionados”, e por este motivo, a visão não pode ser considerada como simples estímulo de luz na estrutura ocular, pois “ela é um processo seletivo e criativo em que os estímulos ambientais são organizados em estruturas fluentes que fornecem sinais significativos ao órgão apropriado” (Idem, 2014, p. 19). O mundo, portanto, ganha um sentindo latente em relação à existência humana, isso porque “é o próprio sujeito perceptivo que constrói o mundo, mundo em que, no entanto, está por meio da percepção [...]” (LYOTARD, s.d., p. 32).

O entendimento desse processo da visão é fundamental para que compreendamos o princípio da percepção enquanto não especulação subjetiva e fruto inerente das relações homem-mundo. Este conhecimento nos remete a analisar a essência da percepção a partir de estímulos sensoriais, do ponto de vista fenomenológico – eu não falo somente com a boca, eu não ouço somente com os ouvidos, expresso-me com meu corpo em sua totalidade comunicativa com o mundo porque ele possui essa necessidade. Ora, a substância do corpo é comunicar-se, e por isso não seria a espacialização uma forma de linguagem existencial?

É através da percepção e experiências vividas que nos damos conta da realidade, do mundo que nos circunda. É através das *emoções* que “convertemos” o espaço total em lugares, ação esta permitida por aquilo que Merleau-Ponty (1994) chamou de “experiências do corpo”, por uma série de critérios. Por exemplo, destacando o critério da cor – as experiências precedem a consciência. A cor define se um espaço é agradável para a instalação de nosso corpo ou não, pois os lugares “cinzas” são tidos como lugares tenebrosos, lugares frios, nos levam a angústia; lugares quentes e “coloridos” nos levam a percepção de alegria, de esperança, de ser um bom lugar para se habitar, na medida, e lembrando sempre, que o “real deve ser descrito, não construído ou constituído” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 5).

---

<sup>7</sup> “Ver” no pensamento de Silva (2000, p. 15) significa, “[...] antes do mais, perceber a forma. Esta, em sua modalidade aparente apresenta-se como fenômeno estético, que o olhar pode decifrar”. E concordamos com esta afirmação no sentindo em que os fenômenos não se apresentam à primeira vista, pois é necessário que este “olhar” exceda o mundo aparente da coisa universalmente constituída, e repouse na própria subjetividade do Ser, pois “o ‘ver’ é carregado de subjetividade” (Idem, 2000, p. 15).



As “experiências do corpo” de Merleau-Ponty (1994) é a substância das “experiências geográficas” de Dardel (2015). A partir desse momento, concordamos quando Sataella (2012, p. 30) afirma que “o sujeito é uma subjetividade encarnada e o sujeito da experiência é o corpo fenomênico inseparavelmente ligado ao mundo [...] o corpo é uma potencialidade de movimento, enquanto o campo perceptivo é um convite à ação”. Nas palavras do geógrafo Yi-Fu Tuan, esse mesmo fenômeno essencial da espacialidade do corpo desvela-se a partir dos movimentos simples do cotidiano, assim “[...] como esticar os braços e as pernas são básicos para que tomemos consciência do espaço. O espaço é experienciado quando há lugar para se mover” (TUAN, 2013, p. 21-22). Em suma, “*my place is not your place – you and I have different place*” (CRESSWELL, 2013, p. 1).

Nesse caminhar, Dartigues (1973 apud HOLZER, 1998, p. 60) conclui que “[...] Isto significa que o mundo não é em primeiro lugar em si mesmo o que explicam as filosofias especulativas ou a abertura do campo primordial, mas sim que ele é em primeiro lugar o que aparece à consciência e a ela se dá na evidência irrecusável de sua vivência”. Tuan (2013) é claro quando remete-se a dizer que o espaço só é possível a partir da percepção, pois é através *dela* que a locomoção torna-se possível de existir espacialmente. O corpo é fundamental para este mover-se. Acredita-se, nesse sentido, que “perceber é tornar algo presente a si com ajuda do corpo, tendo a coisa sempre seu lugar num horizonte de mundo e consistindo a decifração em colocar cada detalhe nos horizontes perceptivos que lhe convenha” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 92-93). Essa valorização do corpo enquanto escala espacial da existência humana, é uma

das principais contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty à compreensão ontológica do espaço e lugar, ao ponto que não haveria espaço se não houvesse um corpo para habitá-lo.

O lugar não pode ser tratado como uma categoria secundária ao espaço. De certo modo, o lugar, por tratar de um conjunto de significados humanos, não pode ser concebido como conceito pré-determinado. O lugar é antes de qualquer coisa, a própria vontade em potencial do corpo em situ-ação de habitar o espaço, do “eu” querer comunicar-se com o mundo, e significativamente tonar o espaço total em espaço do possível. Por tanto, o espaço do corpo é um instrumento de ação, sendo a concretização de um mundo dentro de outro, afinal, “existir é ter um lugar” (ENTRIKIN, 1980).

#### 4. Considerações Finais

Este ensaio teve como objetivo demonstrar alguns pontos de convergência entre a fenomenologia de Heidegger e Merleau-Ponty, com algumas inflexões de geógrafos da corrente humanista. Embora Heidegger não necessariamente tenha formulado um humanismo, seus escritos são bases fundamentais a esta corrente do pensamento geográfico, justamente por nos trazer algumas formulações como *Dasein*, sobretudo. Merleau-Ponty, em sua *Fenomenologia da Percepção*, nos traz a importância do corpo e sua sinuosidade espacial. A geografia como ciência das essências não subtrai a fenomenologia nem camufla sua importância enquanto filosofia e método científico. Na verdade, é o oposto. Ao relacionar a fenomenologia busca-se justamente trazer suas contribuições, e principalmente, demonstrar a

## AS CONTRIBUIÇÕES DE HEIDEGGER E MERLEAU-PONTY PARA A COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO E DO LUGAR

relevância da subjetividade humana, do ser-aí. A essência das experiências, da percepção, a essência das relações sociais, intrínsecas a própria intimidade da relação *ser-no-mundo*.

Espaço e Lugar não estão ligados por relacionamentos de sucessão. Espaço e Lugar entendidos aqui como categorias da existência humana, exprimem entendimentos que transcendem algumas concepções na ciência, sobretudo na ciência geográfica. Por isso, pensar o Espaço e Lugar sob as sendas da fenomenologia é considerar as estruturas ontológicas que se concretizam no interior de suas análises, por meio do corpo e sensível à percepção no mundo. Ao mesmo tempo, pensar uma ontologia geográfica é (re)pensar a própria geografia humana, na medida que em que os dados, agora, não implicam mais a explicação, sistematização ou abreviação do mundo, haja vista que “o mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele, e seria artificial fazê-lo derivar de uma série de sínteses que ligariam as sensações [...]” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 5).

Parte-se da seguinte afirmação: “*Man's relationship with the world is understood not merely as a cognitive relationship, but as something which permeates man's whole being. Similarly the world is permeated by man*”<sup>8</sup> (RELPH, 1970, p. 197). Nessas bases, chama-se atenção para uma Geografia como ciência das essências, na medida em que o próprio *Dasein* já chama uma espacialidade, tendo como ciência regional do espaço a geografia e a sua essência, então, a geograficidade. É desta relação fundamental, ser-no-mundo, que devem surgir os temas e problemas centrais na

geografia. Desse modo, destaca-se em certa parte do trabalho a questão do *distanciamento*, a *proximidade*, que surgem para o ser-com enquanto desejo de suprir a “vontade” de “estar-em-jogo” (HEIDEGGER, 1988), que por sinal elas refletem não apenas sua tendência genuína da espacialidade, mas refletem também o “*para onde*” inerente ao seu estar permanentemente lançado para fora de si, sendo “o traço mais fundamental da espacialidade humana” (PÁDUA, 2014, p. 198-199).

Negar a fenomenologia e suas contribuições à geografia é pressupor um desligamento sensível com os espaços da existência humana, reduzindo as investigações geográficas à “coletras de informações”, somente. É dever do geógrafo perceber a importância dos saberes vernaculares, das etnogeografias, das geograficidades, possibilitando-se à interpretações verdadeiramente essenciais a construção de um saber coerente com os problemas perceptíveis, considerando a complexidade do real. Apreender uma epistemologia que nasce como semblante das relações espaciais dos Homens e Mulheres é o sentindo essencial de uma Geografia fenomenológica.

### Referências bibliográficas

- CLAVAL, P. Terra dos Homens: A geografia uma apresentação. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, Nº 29, pp. 80 - 86, 2011.
- CASTRO, I. E. de. et al. *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

---

<sup>8</sup> “A relação do homem com o mundo é entendida não apenas como uma relação cognitiva, mas como algo que permeia todo o ser do homem. Do mesmo modo, o mundo é permeado pelo homem” (Tradução nossa).

## AS CONTRIBUIÇÕES DE HEIDEGGER E MERLEAU-PONTY PARA A COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DO ESPAÇO E DO LUGAR

- CSORDAS, T. Fenomenologia cultural corporeidade: agência, diferença sexual, e doença. *Educação*, v. 36, n. 3, p. 292-305, 2013.
- CARMO, P. S. de. *Merleau-Ponty: uma introdução*. São Paulo: Educ, 2004.
- DARDEL, E. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Trad.: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DAL GALLO, P. M.; MARANDOLA JUNIOR, E. O pensamento heideggeriano na obra de Éric Dardel: a construção de uma ontologia da Geografia como ciência existencial. *Revista da ANPEGE*, v. 11, n. 16, p. 173-200, 2016.
- ENTRIKIN, J. N. O humanismo contemporâneo em geografia. *Boletim de Geografia Teórica*. São Paulo, v. 10, n. 19, 1980.
- FRANCK, D. *Heidegger e o problema do espaço*. Trad. de João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HOLZER, W. *Um estudo Fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI*. Tese de Doutorado. 1998.
- \_\_\_\_\_. *Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica*. In: MARANDOLA Jr., E. et al (org.). Qual o espaço do lugar. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. 2ª Ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Ontologia – Hermenêutica da facticidade*. Trad.: Renato Kirchener. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Como ponta de lança: o pensamento do lugar em Heidegger*. In: MARANDOLA Jr., E. et al (org.). Qual o espaço do lugar. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- RELPH, E. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. *The Canadian Geographer/Le Géographe canadien*, v. 14, n. 3, p. 193-201, 1970.
- SILVA, A. C. da. A aparência, o Ser e a forma – geografia e método. *GEOgraphia*, v. 2, n. 3, p. 7 – 25, 2000.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva experiência*. Trad. Livia de oliveira. Londrina: Eduel. 2013.
- \_\_\_\_\_. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. *Geograficidade*, v. 1, n. 1, p. 4-15, 2011.